

# AVALIAÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL COM O CONTEÚDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

EVALUATION OF A DIGITAL TEACHING MATERIAL WITH THE CONTENT OF THE URBAN ADVENTURE BODILY PRACTICES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES AT SCHOOL

**RESUMO: Objetivo:** Avaliar o processo de implementação de um material didático digital com o conteúdo das Práticas corporais de aventura (PCA) urbanas, em aulas de Educação Física de escolas da rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA. **Métodos:** Cinco professores participaram desta pesquisa, sendo que foram observadas e analisadas as aulas de dois destes professores. Como instrumento para coleta dos dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada contendo 5 questões, aplicadas aos cinco professores, faixa etária de 25 a 42 anos, todos com formação acadêmica em Educação Física. Os dados foram analisados utilizando-se a Análise de Conteúdo. **Resultados:** Todos os cinco professores utilizaram o material didático para implementar o conteúdo de PCA em suas aulas, especialmente na parte teórica (com uso dos slides em *power point*, vídeos, charges e imagens). Na parte prática, cada um deles teve que adequar os planos de aula às suas realidades de locais de ensino, conseguindo obter resultados positivos em tal implementação. **Conclusão:** Acredita-se que há necessidade de realização de mais estudos e pesquisas que incidam foco nas PCA como um conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Avaliação. Material Didático Digital. Práticas Corporais de Aventura Urbanas. Educação Física Escolar.

**ABSTRACT: Objective:** To evaluate the process of implementation of a digital teaching material with the content of the Urban Adventure Bodily Practices, in Physical Education classes of municipal and state schools of Ilhéus / BA. **Methods:** Five teachers participated of the research, being observed and analyzed the classes of two of these teachers. As a data collection instrument, a semistructured interview with 5 questions was used, applied to five teachers, aged between 25 and 42 years, all of them with an academic background in Physical Education. The data were analyzed using Content Analysis. **Results:** All five teachers used the didactic material to implement the content of the Urban Adventure Bodily Practices in their classes, especially in the theoretical part (using power point slides, videos, cartoons and images). In the practical part, each of them had to adapt the lesson plans to their realities of places of teaching, achieving positive results in such implementation. **Conclusion:** It is believed that there is a need for further studies and research focusing on Urban Adventure Bodily Practices as content to be taught in the School Physical Education classes.

**Keywords:** Evaluation. Digital Teaching Material. Urban Adventure Bodily Practices. Physical Education Classes.

Alexander Klein Tahara<sup>1</sup>  
Suraya Cristina Darido<sup>2</sup>

- 1- Prof. Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Departamento de Ciências da Saúde, Curso de Educação Física, Rodovia Jorge Amado, Km 16, Salobrinho, Ilhéus/BA, CEP 45662-900;
- 2- Profa. Livre-Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro), Departamento de Educação Física, Av. 24-A, n. 1515, Bela Vista, Rio Claro/SP, CEP 13506-900. Grupo de Pesquisa: LETPEF – Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física.

E-mail: alexipatinga@yahoo.com

**Recebido em:** 02/07/2020

**Revisado em:** 12/08/2020

**Aceito em:** 07/09/2020

## INTRODUÇÃO

É comum enxergarmos em propagandas de revistas, jornais, *outdoors*, etc., a veiculação de imagens e vídeos de pessoas pertencentes à diferentes faixas etárias experimentando determinadas Práticas Corporais de Aventura (PCA), entre elas o arvorismo, montanhismo, surfe, *mountain bike*, paraquedismo, *rafting*, entre tantos outros exemplos que conotam a aventura, a vertigem e o risco controlado.

Nos dias atuais, os indivíduos optam por tais práticas em seu tempo livre e nos momentos de lazer, como evidenciam Brunhs<sup>1</sup>, Betrán<sup>2</sup>, Schwartz<sup>3</sup>. Entretanto, a discussão e a prática dessas manifestações corporais são relativamente recentes no contexto da Educação Física escolar no Brasil, conforme relatam Franco<sup>4</sup>, Pereira e Ambrust<sup>5</sup>, Tahara e Darido<sup>6</sup>, sendo ainda pouco difundidas e disseminadas em escolas no território nacional, quando comparadas a modalidades esportivas (futebol, vôlei, basquete e handebol) tradicionalmente ministradas em aulas escolares.

Cabe lembrar que a Base Nacional Comum Curricular<sup>7</sup> (BNCC), documento oficial do Ministério da Educação (MEC) que atualmente normatiza as diretrizes da Educação Básica no Brasil, inclui as Práticas Corporais de Aventura (urbanas e na natureza) como um dos conteúdos da Educação Física a serem tratados junto aos alunos durante o Ensino Fundamental.

A escola não pode deixar de enxergar estas práticas enquanto novos conteúdos que possam ser ministrados no desenvolvimento das aulas, uma vez que a popularidade das práticas de aventura cresce constantemente tanto na

veiculação pela mídia em geral, assim como na participação de indivíduos de todas as faixas etárias, incluindo crianças e jovens, em diferentes tipos de modalidades e em distintos locais do mundo<sup>8</sup>.

Em alguns trabalhos da área, como Franco *et al.*<sup>9</sup>, Bocchini e Maldonado<sup>10</sup>, Fernández-Rio e Suarez<sup>8</sup>, Maldonado e Silva<sup>11</sup>, De Freitas *et al.*<sup>12</sup>, é possível verificar o processo de implementação e avaliação das PCA em aulas de Educação Física escolar no Ensino Fundamental. Entretanto, em nenhum destes trabalhos houve a elaboração colaborativa (pesquisador e professores) e implementação de um material didático digital organizado e sistematizado sobre as PCA urbanas.

Com relação a outros conteúdos da área escolar, percebe-se a existência de alguns (poucos) materiais didáticos que envolvem a utilização de recursos tecnológicos diversos, como é o caso dos estudos de Súnega *et al.*<sup>13</sup> e os materiais audiovisuais nas relações de alguns temas transversais com o basquetebol, Faganello-Gemente<sup>14</sup> e o *software* ATLETIC para ensino de provas do Atletismo, Diniz e Darido<sup>15</sup> e o *blog* educacional abordando as Danças Folclóricas, Ginciene e Matthiesen<sup>16</sup> e o banco de dados virtual feito na Plataforma Moodle sobre aspectos da prova dos 100 metros rasos do Atletismo, entre outros. Pensa-se que seja sempre importante haver mais estratégias que permitam o uso e a implementação de diferentes materiais didáticos para o ensino dos outros conteúdos da Educação Física escolar.

Nesse sentido é que se fundamentou o objetivo deste estudo, no intuito de avaliar o processo de implementação de um material

didático digital com o conteúdo das PCA urbanas, em aulas de Educação Física de escolas pertencentes à rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Natureza da Pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa. Thomas, Nelson e Silverman<sup>17</sup> defendem sua importância, no sentido de ser um método de pesquisa que, com frequência, envolve a observação intensiva e prolongada de um ambiente natural, o registro preciso e detalhado do que acontece nesse ambiente, a interpretação e a análise dos dados, entre outros. O pesquisador é o principal instrumento da coleta e análise de dados, sendo ele quem interage com os participantes e sua sensibilidade e percepção são essenciais na busca e no processamento de observações e respostas.

### Participantes

Inicialmente, houve a seleção por convite a trinta e dois professores de diferentes escolas de Ilhéus/BA, mas somente dezoito destes professores aceitaram em participar de um diagnóstico via entrevista semiestruturada sobre a abordagem do conteúdo das PCA em aulas de Educação Física escolar na referida cidade baiana.

Nesta segunda etapa da pesquisa e foco deste estudo, somente cinco professores concordaram em continuar nesta fase da construção coletiva e avaliação do material didático digital das práticas corporais de aventura urbanas, a ser implementado por eles em suas respectivas aulas.

No caso, os participantes deste presente estudo foram então cinco professores (três homens e duas mulheres) que ministram aulas de Educação Física escolar, pertencentes à rede municipal e estadual de ensino da cidade de Ilhéus/BA. A faixa-etária variou de 25 a 42 anos, todos com formação acadêmica em Educação Física, sendo que o tempo decorrido de conclusão da graduação variou de três a doze anos.

Deste total, três possuem pós-graduação em nível de especialização e outros dois somente o nível de graduação. Não houve a ocorrência de nenhum participante com nível de mestrado e/ou doutorado. Em relação à atuação na Educação Física escolar no Ensino Fundamental, o tempo variou de um a sete anos.

### Procedimentos

Ressalta-se que esta pesquisa teve seu protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), do Instituto de Biociências de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista, com parecer número 2.021.650 e CAAE 64049317.0.0000.5465.

Após a etapa da elaboração do material didático digital, com a realização de oito encontros quinzenais do grupo (pesquisador e docentes), com duração de duas horas cada encontro, os professores foram convidados a implementar tal material em suas aulas de Educação Física nas escolas. Cada um deles teve plena liberdade e autonomia para utilizar o material (ou parte dele) como melhor lhe conviesse, a depender de fatores como as suas condições de trabalho e demais aspectos que pudessem intervir no efetivo desenvolvimento das aulas.

O material didático digital foi alocado em um grupo secreto na rede social *Facebook*, composto somente pelo pesquisador e os cinco professores, e tinha como conteúdo: fotos e imagens das PCA urbanas; vídeos (praticantes experientes/profissionais e crianças/jovens na escola); vídeos educativos sobre as PCA urbanas; slides preparados em *power point* sobre estas práticas; planos de aula das diferentes PCA urbanas; tiras de jornais e revistas em quadrinhos que abordem algumas PCA, entre outros.

Nesta etapa de implementação do material didático digital, o professor (P3) foi aquele que mais aulas ministrou com o conteúdo das PCA (total de 6 aulas, 2 teóricas/4 práticas), enquanto (P5) foi o menos incidente e tratou o tema em apenas 3 aulas (1 teórica/2 práticas). O docente (P2) deu 5 aulas (2 teóricas/3 práticas), enquanto (P1) e (P4) ministraram 4 aulas no total (2 teóricas e 2 práticas).

### **Instrumento**

Por motivos de deslocamento e horários incompatíveis com as aulas dos docentes participantes, foram observados e analisados dois professores (P3 – 6 aulas) e (P4 - 4 aulas), e todos esses momentos de observação foram registrados pelo pesquisador no diário de campo para posterior análise. Convém salientar que todos os outros três professores não observados (P1), (P2) e (P5) também implementaram o material em suas aulas e responderam a entrevista final.

Marconi e Lakatos<sup>18</sup> tratam da importância da observação enquanto uma técnica de coleta de dados que possibilita obter muitas informações e ocorrências para uma

posterior análise. Tal técnica obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade, sendo utilizada no sentido de auxiliar a obter e identificar informações e provas variadas, por meio do exame e análise dos fenômenos que se deseja pesquisar.

Após a implementação nas aulas do material didático digital, foi aplicada aos cinco professores uma entrevista semiestruturada, desenvolvida de modo específico aos objetivos do estudo, baseada nas seguintes questões norteadoras:

- 1) O que você achou da inserção do conteúdo das Práticas Corporais de Aventura (PCA) em suas aulas de Educação Física escolar por meio do material didático produzido utilizando-se o *Facebook*? Justifique.
- 2) Como você avalia o produto "material didático digital" produzido? Justifique.
- 3) Como você avalia o processo de implementação do conteúdo das PCA durante as aulas na escola?
- 4) Quais as facilidades e dificuldades/obstáculos acerca da possibilidade de inserção deste tipo de material didático produzido sobre as PCA e uso do *Facebook* em suas aulas? Justifique.
- 5) O que você achou do uso do *Facebook* nas aulas de Educação Física? Você continuaria a utilizá-lo como ferramenta pedagógica em suas aulas? Por quais motivos? Justifique.

A entrevista semiestruturada, segundo Dencker<sup>19</sup>, apresenta algumas vantagens ao

possibilitar explorar questões que existem poucos dados ou informações disponíveis, permitindo ao entrevistado verbalizar livremente sobre o assunto, expondo suas opiniões.

Outro aspecto favorável é que pode aparecer no decorrer da conversa alguma informação que não constava previamente do roteiro da entrevista, permitindo ao pesquisador adicionar e refletir outros questionamentos que venham a contribuir com os objetivos do estudo.

### **Análise dos dados**

Após a observação das aulas e a realização das entrevistas individuais, os dados coletados foram analisados descritivamente pela Análise de Conteúdo, por meio das observações e registros no diário de campo e dos depoimentos dos professores, os quais foram transcritos após o registro em um gravador de voz. Torna-se propícia a utilização da Análise de Conteúdo em variados discursos e possibilita uma melhor compreensão de estruturas e de modelos intrínsecos em trechos de textos<sup>20</sup>.

De acordo com Bardin<sup>20</sup>, a análise de conteúdo se estrutura a partir de três etapas: 1º - pré-análise, 2º - exploração do material e tratamento dos dados, 3º - interpretação dos resultados. A primeira se relaciona aos procedimentos utilizados para obtenção dos dados, a segunda apresenta o propósito de codificar, classificar e categorizar os dados obtidos e a terceira é caracterizada pelo aprofundamento da análise dos resultados a partir da literatura e estruturação realizada anteriormente.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este tópico foi dividido em duas categorias principais a partir da análise

temática, sendo elas, as possibilidades acerca da implementação do material didático digital com as PCA urbanas e as dificuldades que inviabilizam a efetivação da proposta. Dentro das duas categorias centrais, duas subcategorias serão discutidas, as quais versam sobre: 1- o material didático digital, 2 – o conteúdo das PCA x recursos e instalações das escolas.

#### **Possibilidades**

No que diz respeito ao material didático digital, os professores são unânimes em afirmar que “gostaram do produto final”, devido ao repertório de arquivos alocados no grupo do *Facebook*, possibilitando condições para que o docente pudesse escolher entre tantos arquivos a melhor maneira de tratar esta temática das PCA urbanas em suas aulas.

Ambrós, Foguet e Rodríguez<sup>21</sup> sugerem que os *webs* e *blogs* podem ajudar na tarefa de ensinar os conteúdos da Educação Física nas escolas. Além disso, trabalhar com os aplicativos celulares e as redes sociais podem também servir como instrumentos importantes nos dias atuais para se atingir esse intento junto aos alunos.

Mediante as respostas coletadas no grupo de professores, fica nítido que eles enxergam possibilidades reais de utilizarem futuramente este mesmo material didático das PCA urbanas, a fim de tratarem este conteúdo com suas futuras turmas escolares.

Alguns depoimentos retratam esta questão:

[...] temos um bom material em mãos, deu pra todos usarem de muitas maneiras nas aulas [...] tem muita coisa pra gente usar lá dentro, tem vídeos, charges, fotos, muita coisa [...] claro que cada professor teve seu jeito de fazer e abordar

um arquivo do skate por exemplo [...] (PROFESSOR 3)

[...] fizemos um bom trabalho, participamos juntos na construção deste material [...] no final vejo que foi possível deixar um material bem elaborado e que já serviu pra gente trabalhar a aventura nas aulas e também pode ser usado sempre que a gente quiser trabalhar de novo este conteúdo [...] (PROFESSOR 5)

Menciona-se o fato de que todos os cinco professores utilizaram o material didático digital produzido para implementar o conteúdo das PCA urbanas em suas aulas. Entretanto, nenhum destes docentes pode se conectar no momento da aula ao Wi-Fi da escola e abrir os arquivos online. Eles tiveram que baixar os arquivos previamente, e utilizaram ou o datashow da escola (1 professor) ou o computador pessoal para ilustrar a aula com arquivos, vídeos e imagens contidos no material didático (outros 4 professores).

Em estudos como Súnega *et al.*<sup>13</sup>, Faganello-Gemente<sup>14</sup>, Diniz e Darido<sup>15</sup>, também foi possível verificar que, apesar da existência de inúmeras adversidades, como as questões estruturais da escola e as condições do trabalho docente, a utilização de materiais didáticos digitais teve um relativo sucesso, facilitando a abordagem junto aos alunos dos conteúdos tratados em tais materiais.

No caso particular do conteúdo das PCA e os recursos e instalações das escolas, os cinco professores puderam ministrar aulas de maneira tanto teórica como prática. Todos comentaram que foi possível debater e vivenciar tal conteúdo durante o total de aulas que cada um conseguiu dar, embora alguns destes docentes tenham tido dificuldades iniciais quanto à aceitação por parte dos alunos.

Sobre esta aceitação, Souza e Costa Silva<sup>22</sup> destacam que ao inserir a escalada em aulas de Educação Física para o Ensino Médio as resistências ficaram evidentes logo no início. Ao mesmo tempo em que existia uma predisposição, por parte de alguns alunos, para novos conteúdos e aulas inovadoras, outros tantos se recusavam a participar das atividades. Seja por receios, medos e/ou inibição em aceitar as propostas, seja por apresentar certos preconceitos sobre este novo assunto. Ao final do processo, foi percebido que a maioria dos alunos se divertiram durante as atividades e incorporaram alguns dos conhecimentos abordados, gerando novas experiências e vivências estimuladas a partir desse conteúdo.

Dois trechos expõem tal resistência inicial, embora na sequência seja possível verificar a aceitação por parte dos alunos:

[...] o duro é o "baba", eles querem só jogar, o tempo todo, e claro que teve a resistência, mas conversei bem com todos, comentei da pesquisa, a importância, [...] e quando terminei a primeira aula, e olha que quase toda teórica, eles já queriam saber se teria mais assim na próxima aula, ou qual modalidade seria, se iriam pra quadra praticar [...] (PROFESSOR 1)

[...] no início disseram "ah professor?!", "aventura?!" "e o baba?" [...] tenho consciência que temos que trabalhar o assunto na parte teórica como na prática [...] eu consegui dar aulas teóricas e práticas [...] eles gostaram, principalmente da prática [...] percebo que valeu a pena e acho que consegui atingir os objetivos que a Base Nacional coloca [...] (PROFESSOR 3)

Em relação aos dois professores observados, (P3) conseguiu organizar com antecedência a reserva do datashow nas duas datas distintas e, assim, ministrou uma aula teórica com informações sobre as PCA em geral, o skate e o patins, seguido de duas aulas

práticas focando estas duas modalidades. Foram adquiridos 3 skates e 2 patins (todos por empréstimo de alunos e amigos do professor), sendo um número relativamente pequeno perante o total de alunos (26) na aula. Foram feitos inúmeros rodízios entre os alunos para uso dos equipamentos, fazendo as primeiras atividades sentadas e depois em pé para auxiliar no equilíbrio. Após isso, na quadra foram feitos circuitos com uso de mini cones e arcos, para que eles pudessem passar/contornar (primeiro com a ajuda de colegas segurando as mãos e depois sozinhos para aqueles com maior controle/equilíbrio). Ao final, tempo para que pudessem experimentar/fruir o *skate*/patins livremente pela quadra.

Na sequência, em outra aula teórica (P3) ilustrou a caracterização geral do *parkour* e do *slackline*, seguido de duas aulas práticas das modalidades. No *parkour*, o (P3) desenhou linhas na quadra, colocou arcos e cordas, para que os alunos fossem ganhando confiança em saltos horizontais. Os rolamentos foram feitos na grama ao lado da quadra por não haver colchonetes disponíveis na escola. Depois exploraram as imediações da quadra e pátio (grande e com bons "obstáculos"), com pequenos morros, bancos, muretas, arquibancada, etc.

No *slackline* o (P3) arrumou emprestado um kit e fez a amarração em duas árvores grandes próximas à quadra. A altura foi pequena (cerca de 30/40 cm) e havia grama embaixo de todo o percurso da fita. Num primeiro momento, experimentaram sozinhos e livremente. Foram se equilibrando com auxílio de amigos, se revezando, e aos poucos iam sozinhos e também em duplas. Mais ao final,

alguns alunos já se arriscavam em manobras e saltos.

O outro professor observado (P4) teve a chance de ministrar duas aulas teóricas e duas aulas práticas. Este professor teve que levar seu *notebook* pessoal com arquivos baixados previamente, e organizou os alunos da turma em pequenos grupos para visualizarem os arquivos na pequena tela. Isso foi realizado em duas aulas teóricas. Mesmo com tal adversidade, houve a possibilidade em retratar parte do material didático aos alunos. Posteriormente, aconteceram as duas aulas práticas na quadra da escola. As modalidades escolhidas pelo professor foram o *parkour* (uma aula) e o *slackline* (outra aula).

No *parkour*, o (P4) tinha à sua disposição uma quadra (não muito grande) e um pequeno terreno plano ao lado com grama baixa e terra. Organizou os alunos da classe (31) em 3 fileiras e fizeram saltos num circuito idealizado na quadra, sem muitos materiais, mas com tudo marcado e desenhado no chão com giz. Foi até feita depois uma competição entre os alunos numa das estações deste circuito, aquela que eles julgavam "a mais difícil" de saltar. Depois foram conduzidos para o terreno ao lado e lá o (P4) tinha colocado algumas cordas e barbantes para simular dois percursos, um de nível mais fácil e outro mais difícil.

No caso do *slackline* o (P4) desenhou linhas retas e também curvas na quadra para que os alunos andassem sob tais linhas se equilibrando. Repetiram inúmeras vezes, indo de frente e voltando de costas. Logo após, foi feita a amarração do *slackline* em duas árvores neste terreno ao lado da quadra (altura baixa, 30/40 cm), e por baixo da fita era só a grama e mais

terra, também sem colchonetes disponíveis. Não existiu uma sequência lógica de atividades, os alunos ficaram se equilibrando à vontade na fita, sendo que alguns tentaram poucas vezes e acabaram desistindo.

Constatou-se que ambos os professores observados (e todos os demais, mediante os relatos das entrevistas) fizeram valer-se de adaptações nos espaços/materiais e pequenos improvisos, perante as condições que possuem para o desenvolvimento das aulas com as PCA. Nesse sentido, a Base Nacional<sup>7</sup> (BNCC) salienta que “[...] as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar” (p.177).

Sobre tais adaptações que se fazem necessárias, Dejager<sup>23</sup> e Fernández-Río e Suarez<sup>8</sup> defendem a viabilidade de inserção de práticas de aventura durante as aulas de Educação Física no período regular de ensino. Dejager<sup>23</sup> idealizou uma corrida de aventura nas dependências da própria escola, porém com muitas adaptações, novas provas e tarefas diversificadas, sem o risco eminente ou uso de equipamentos sofisticados. Já Fernández-Río e Suarez<sup>8</sup> propõem a inserção do *parkour* enquanto conteúdo educativo, podendo ocorrer normalmente durante as aulas de Educação Física, uma vez que não há a necessidade de equipamentos específicos, é possível de ser feito em qualquer espaço, e valores como respeito, cooperação, etc., são desenvolvidos durante toda a prática.

Outros estudos como Franco *et al.*<sup>9</sup>, Souza e Costa Silva<sup>22</sup>, Bocchini e Maldonado<sup>10</sup>, Sousa *et al.*<sup>24</sup>, Maldonado e Silva<sup>11</sup>, De Freitas *et al.*<sup>12</sup>,

também tecem reflexões a respeito do processo de implementação das PCA em aulas escolares. Mesmo ocorrendo diferentes problemas estruturais nas escolas, se torna viável a tentativa de inserir estas práticas em contexto escolar.

Franco *et al.*<sup>9</sup> realizaram a inserção das atividades físicas de aventura (arvorismo, skate e patins, *parkour* e corrida de orientação) em três escolas da rede pública de ensino de Campinas/SP, com aulas direcionadas ao 5º ano do Ensino Fundamental. Foi constatado que os alunos tiveram uma grande aceitação destes conteúdos ministrados, sendo possível desenvolver tais práticas nas aulas de Educação Física Escolar, com pequenas adaptações na estrutura física comum das escolas e, assim, superando barreiras que são impostas para esse tipo de conteúdo no ambiente escolar.

De Freitas *et al.*<sup>12</sup> propuseram um programa de PCA (*parkour*, skate, corrida de orientação e surfe) ao 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola interiorana da rede pública estadual de São Paulo. Todo o processo foi importante por apresentar um novo conteúdo possível de ser desenvolvido nas aulas, uma vez que os alunos e o professor comentaram que desconheciam até então as PCA, e ao mesmo tempo se mostraram bastante motivados em experimentar e participar das aulas com ênfase em tal conteúdo.

Considera-se, indubitavelmente, que as PCA apresentam possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que seja de forma adaptada, alternativa e/ou simulada. Pelo fato de serem manifestações corporais que fazem parte da Cultura Corporal de Movimento, se torna necessário introduzi-las de maneira



adequada ao contexto das aulas de Educação Física, e assim ampliando as possibilidades pedagógicas desse componente curricular.

É bem verdade que ao (tentar) inserir conteúdos pouco habituais (como é o caso das PCA) em aulas de Educação Física escolar, é provável que haja ocorrência de dificuldades (recursos materiais, instalações físicas, etc.) e resistências, seja por parte da direção pedagógica, dos alunos, ou mesmo dos próprios docentes ao propor tal conteúdo.

Entretanto, imagina-se que a vontade e disposição em abordar aos alunos este conhecimento relacionado às PCA devem ser maiores que as dificuldades que porventura irão aparecer no caminho. Afinal, estes conteúdos das PCA na natureza e das PCA urbanas estão na Base Nacional Comum Curricular e, por isso, os estudantes têm o direito de receber estes saberes da área da Educação Física.

### **Dificuldades**

No que tange aos materiais didáticos digitais, os professores são categóricos ao afirmarem a inexistência deste tipo de material, uma “utopia” para os professores das escolas públicas. Dizem que caso houvesse similares a este de PCA elaborados com as suas colaborações, que seria muito importante para o trabalho docente nas escolas, no sentido de auxiliar na abordagem dos diferentes conteúdos que a área apresenta.

Sobre o material em si elaborado de PCA urbanas, estes professores não teceram qualquer tipo de crítica. Todas as opiniões críticas e construtivas foram dadas durante os encontros presenciais e no grupo do *Facebook*, sendo que o “produto final” que foi implementado nas aulas agradou a todos eles.

O depoimento de dois professores chama a atenção sobre a carência de outros tipos de materiais didáticos:

[...] este material de PCA ajudou muito, com o slide pronto, ilustrado, vídeo na hora certa [...] depois vai dar pra gente usar de novo pra outras turmas [...] mas a realidade é outra [...] como ter bom material didático assim de outras modalidades? Futebol, vôlei, basquete, sem falar de outros, atletismo, judô, capoeira [...] isso seria um sonho ter tudo isso pra nos ajudar [...] mas com que tempo vou parar pra montar isso pra minhas aulas, fica complicado [...] (PROFESSOR 2)

[...] gostaria de ter tudo montado, como está no nosso material, também de outros esportes e modalidades, outros assuntos da Educação Física [...] aí seria mais fácil dar outros conteúdos que a gente acaba não dando durante o ano [...] essa foi uma chance nossa por participar da pesquisa, mas na real mesmo é que o professor acaba não tendo isso pra outros conteúdos [...] (PROFESSOR 5)

Os trabalhos realizados por Ginciene e Matthiesen<sup>16</sup>, Diniz e Darido<sup>15</sup>, Faganello-Gemente<sup>14</sup>, também apresentam reflexões similares, no sentido de evidenciarem a pouca quantidade de materiais didáticos que existem na área para subsidiar o trabalho dos professores em aulas de Educação Física na escola.

Entende-se que seja necessária a elaboração de materiais didáticos com ajuda da tecnologia, no sentido de auxiliar o trabalho docente na área escolar e permitir que a utilização desses novos recursos possa acarretar novas maneiras de ensinar e de transmitir o conhecimento aos alunos.

Desta forma, com a (suposta) aquisição de novos materiais didáticos, se faz importante que os docentes reflitam constantemente sobre a sua prática pedagógica e a necessidade de diversificação dos conteúdos a serem tratados em aulas com os alunos.

No que diz respeito ao conteúdo das PCA e os recursos e instalações das escolas, nenhum dos cinco professores entrevistados apontaram ter tido dificuldades para ministrar as aulas com as PCA em si, implementando-as com atividades e tarefas simples relacionadas a tais práticas. Isso pelo fato de todos eles terem proposto vivências de maneira adaptada, muitas vezes em circuitos e estafetas, e com risco calculado junto aos alunos.

As dificuldades relatadas são convergentes no que diz respeito às (precárias) instalações físicas das escolas e na carência de recursos materiais destinados às aulas. Suas opiniões também são similares no que tange aos problemas relacionados ao uso das tecnologias nas escolas que lecionam, pelo fato de haver internet em condições ruins, salas de informática também em situações precárias, inexistência de recursos em bom funcionamento como o *datashow*, computadores, aparelhos de TV/DVD, entre outros.

Todos os professores acreditam que tenha sido bastante válido o uso do *Facebook* neste estudo, afinal um material didático com o conteúdo das PCA foi elaborado e alocado nesta rede social para que eles possam sempre usar em suas aulas quando julgarem pertinente.

Entretanto, a maioria dos professores não enxerga o *Facebook* como uma ferramenta pedagógica futura para suas aulas no intuito de abordar outros conteúdos da área. Somente 2 destes professores afirmam que há esta possibilidade. Isso se dá pela ocorrência frequente das mesmas adversidades já comentadas neste trabalho, como a insuficiência de materiais com qualidade e instalações físicas deterioradas, jornada de

trabalho elevada, sem tempo para confeccionar materiais similares, salas de informática em condições ruins, entre outros tantos motivos.

Dois depoimentos se contrapõem sobre esta utilização futura do *Facebook* em aulas:

[...] e vejo que é um pouco ou muito complicado isso, de usar *Facebook* e outras tantas tecnologias em aulas [...] participamos da pesquisa, o que ajudou nisso [...] mas dizer outros professores vão usar, acho difícil, são muitos os problemas nas escolas [...] (PROFESSOR 1)

Achei muito bom contar usar o *Facebook* nas aulas [...] pretendo continuar [...] é uma ferramenta riquíssima. Vídeos, textos, fotos e “o mundo”, cabe nele [...] em um canal que os alunos se identificam e usam com muita frequência [...] (PROFESSOR 4)

Estudos como Juliani *et al.*<sup>25</sup> e Canabarro e Basso<sup>26</sup> têm em comum o fato de acreditar no potencial que a rede social *Facebook* pode apresentar em âmbito educacional, entretanto também enxergam muitos obstáculos e aspectos que interferem qualitativamente neste processo, residindo a necessidade em haver maiores reflexões e publicações científicas acerca desta temática.

Somente um dos professores participantes conseguiu ter acesso ao *datashow* para retratar com melhor qualidade os vídeos, imagens e demais arquivos presentes no material didático. Os demais tiveram que utilizar seus próprios computadores pessoais, caso quisessem mostrar aos alunos algo contido no material elaborado.

A respeito desta problemática acerca da inserção dos recursos tecnológicos em contexto educacional, algumas pesquisas vêm sendo realizadas nos últimos anos, tais como Bianchi, Pires e Vanzin<sup>27</sup>, Bianchi<sup>28</sup>, Sena<sup>29</sup>, Baracho, Gripp e Lima<sup>30</sup>, Ambrós, Foguet e Rodríguez<sup>21</sup>, entre

outras, refletindo a respeito das dificuldades que interferem no sucesso neste processo de utilização das tecnologias em aulas de Educação Física escolar.

Acerca dos dois professores observados, (P3) não encontrou dificuldades para efetuar a reserva com antecedência do *datashow* da escola, tendo anuência direta da direção pedagógica ao explicar o motivo de tal reserva. Já (P4) teve que levar seu *notebook* pessoal, uma vez que o *datashow* da escola estava quebrado, além da questão de também não poder utilizar, por exemplo, a sala de informática, pelo fato da mesma estar em fase de manutenção (e em pleno semestre letivo).

Dois trechos das respostas evidenciam determinados empecilhos:

[...] seria muito bom se eu tivesse uma quadra em boas condições, os próprios buracos que nossa quadra tem, e são muitos, já eram obstáculos pros *skates* passarem nas atividades [...] fora as questões da tecnologia, praticamente inexistentes [...] consegui porque reservei com uma grande antecedência, mas se fosse na mesma semana não ia conseguir nunca [...] (PROFESSOR 3)

[...] dá pra fazer melhor ainda que cada professor já fez, mas a escola também tem que ajudar [...] tecnologia que funciona, de verdade, não adianta só dizer que tem e nunca funcionar [...] tem que ter quadras boas, um bom espaço físico, e também materiais bons e em quantidade suficiente, sem tudo isso o professor fica numa situação difícil [...] (PROFESSOR 4)

Indo ao encontro desses mesmos problemas retratados acima, Bocchini e Maldonado<sup>10</sup> descrevem uma experiência em uma escola pública do município de São Paulo/SP, com alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental. Durante a execução do projeto “esportes com rodas” (*skate*, patins, entre

outros) nas aulas de Educação Física, foi constatado a ocorrência de alguns obstáculos, entre eles o pouco material disponível para uma sala com um número grande de alunos, espaços inadequados para a realização das aulas práticas e resistência de alguns alunos com o novo tema que não estavam acostumados nas aulas.

De modo semelhante, De Freitas *et al.*<sup>12</sup> salientam que o programa de PCA revelou algumas limitações, sendo elas a escassez de materiais na escola, a falta do espaço físico e instalações adequadas para a execução das práticas, remetendo à realidade de tantas outras escolas do Brasil, além do pouco tempo de execução do projeto, cuja intervenção ocorreu em apenas quatro encontros.

É bem pertinente imaginar que irão aparecer no caminho dos professores diferentes empecilhos e dificuldades ao ministrar suas aulas com tais conteúdos, sejam as PCA, as tecnologias ou os dois juntos, mas a força de vontade e dedicação em (tentar) propor aos alunos algo um pouco diferente dos conteúdos habituais das aulas de Educação Física escolar, deve ter uma ênfase e respaldos ainda maiores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, o objetivo central foi avaliar o processo de implementação de um material didático digital com o conteúdo das PCA urbanas, em aulas de Educação Física de escolas pertencentes à rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA.

Nesse sentido, o material didático digital de PCA urbanas avaliado nessa pesquisa pelos cinco professores participantes foi capaz de cumprir com seu papel no apoio pedagógico,

no propósito de desenvolvimento desse conteúdo junto aos alunos no Ensino Fundamental das escolas que lecionam.

O material implementado buscou proporcionar vivências de diferentes modalidades e manifestações corporais presentes na cultura corporal de movimento, fazendo com que os alunos pudessem conhecer novas práticas e um novo conteúdo a ser desenvolvido nas aulas, aumentando assim o leque de possibilidades que a Educação Física apresenta. Ademais, essas atividades proporcionam a abordagem de valores como cooperação, solidariedade, respeito ao meio ambiente, entre outros, atrelados à prática, devidamente contextualizados durante seu desenvolvimento.

Todos os cinco professores utilizaram o material didático para implementar o conteúdo de PCA em suas aulas, especialmente na parte teórica (com uso dos *slides em power point*, vídeos, charges e imagens). Embora se reconheça que são muitos os empecilhos que interferiram no uso das tecnologias por parte dos professores. Na parte prática, cada um deles teve que adequar e adaptar os planos de aula às suas realidades de locais de ensino, mediante as particularidades e condições que têm em suas escolas.

Especificamente no campo das PCA, e porque não dizer dos outros conteúdos da Educação Física, a produção de materiais didáticos voltados para a escola parece ainda (muito) escassa. Pode-se imaginar que seja pela complexidade em elaborar (com qualidade) esses recursos pedagógicos, ou talvez seja pelo pouco espaço que alguns conteúdos ainda apresentam neste componente curricular.

Torna-se importante que possa haver a ampliação na produção de outros tipos de materiais didáticos, abordando outros conteúdos da Educação Física escolar, além da possibilidade de utilizar diferentes tecnologias que existem na atualidade. Desta forma, almeja-se que as experiências com esse tipo de recurso pedagógico digital possam acarretar novas formas dos professores ensinarem e os alunos em aprender os conhecimentos/conteúdos da área.

No caso específico das PCA, é entendido como necessário que na escola os alunos possam compreender e refletir sobre tais práticas como uma manifestação corporal que deve ser tratada em aulas de Educação Física. Haja vista serem práticas bastante divulgadas atualmente pela mídia, quer seja pelas inúmeras competições das diferentes modalidades, ou mesmo pela quantidade de indivíduos que procuram cada vez mais por tais práticas em seus momentos de lazer e tempo livre.

Espera-se que, de fato, esta inserção do conteúdo das PCA (e também o fomento na produção de materiais didáticos) possa ocorrer em nível nacional, em escolas públicas e privadas do país, para que os alunos possam ter outras maneiras de conhecer, experimentar e discutir os conteúdos a serem tratados e contextualizados em suas aulas de Educação Física escolar.

#### REFERÊNCIAS

1. Bruhns HT. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. Rev. Bras. Ciênc. Esporte 1997; 18(2): 86-91.
2. Betrán JO. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: Marinho A, Bruhns HT (Org.). Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003; 157-202.

3. Schwartz GM (Org.). Aventuras na natureza: consolidando significados. Jundiá: Fontoura, 2006.
4. Franco LCP. Atividades Físicas de Aventura na Escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.
5. Pereira DW, Armbrust I. Pedagogia da Aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiá: Fontoura, 2010.
6. Tahara AK, Darido SC. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola. *Conexões* 2016; 14(2): 113-136.
7. Base Nacional Comum Curricular/BNCC. Ministério da Educação: Brasil. 2017; Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> [2019 mar 03].
8. Fernández-Río J, Suarez C. Feasibility and students' preliminary views on parkour in a group of primary school children. *Physical Education and Sport Pedagogy* 2014; 01-14.
9. Franco LCP, Oliveira EC, Oliveira IL, Oliveira MA. Atividades Físicas de Aventura: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. *Arquivos em Movimento* 2011; 7(2): 18-35.
10. Bocchini D, Maldonado DT. Andando sobre rodas nas aulas de Educação Física escolar. *Motrivivência* 2014; 26(43): 277-286.
11. Maldonado DT, Silva SAPS. Deportes extremos en la escuela: las tres dimensiones de los contenidos y el desarrollo del pensamiento crítico. *Innovación Educativa* 2015; 25: 249-267.
12. De Freitas TA, Rufino LGB, Tahara AK, Darido SC. Avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. *Arquivos em Movimento* 2016; 12(1): 4-16.
13. Súnega PBC, Rodrigues HA, Darido SC, Rufino LGB. Luz, Câmera, Educação e ... Cesta: produção e implementação de materiais audiovisuais para o ensino do basquetebol e dos temas transversais nas aulas de Educação Física. *Arquivos em Movimento* 2012; 8(2): 44-64.
14. Faganello-Gemente FR. Atletismo na Educação Física escolar: a elaboração colaborativa do software *Atletic*. 2015. 217f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2015.
15. Diniz IKS, Darido SC. Blog Educacional para o ensino das danças folclóricas nas aulas de Educação Física: aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo. *Movimento* 2015; 21 (3): 701-716.
16. Ginciene G, Matthiesen SQ. Utilizando o moodle na Educação Física: sobre um material didático virtual para o ensino do atletismo. *Motrivivência* 2015; 27(44): 109-124.
17. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
18. Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
19. Dencker AFM. Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior. São Paulo: Alpeh, 2002.
20. Bardin L. Análise de Conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições70, 2004.
21. Ambrós QP, Foguet OC, Rodríguez JLC. Introducción de las TIC em Educación Física: Estudio descriptivo sobre la situación actual. *Apunts. Educación Física y Deportes* 2013; 113: 37- 44.
22. Souza FA; Costa Silva PC. A escalada nas aulas de Educação Física escolar no Ensino Médio. *Cadernos de Formação RBCE* 2013; 44-54.
23. Dejager D. Adventure Racing CORE: A Nontraditional Approach to the Physical Education Lesson. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance* 2006; 77(6): 25-33.
24. Sousa DQO, Araújo AC, Santos AP, Dias MA. Esporte Orientação: relato de experiência pedagógica no Ensino Médio. *Cadernos de Formação RBCE* 2015; 88-100.
25. Juliani DP, Juliani JP, Souza JA, Bettio RW. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. *Novas Tecnologias na Educação* 2012; 10(3): 1-11.
26. Canabarro MM, Basso LO. Os Professores e as Redes Sociais – É possível utilizar o Facebook para além do “curtir”? *Novas Tecnologias na Educação* 2013; 11(1): 1-9.
27. Bianchi P, Pires GL, Vanzin T. As Tecnologias de Informação e Comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a Educação (Física). *Linhas* 2008, 9(2): 56-75.
28. Bianchi P. Relato de experiência em mídia Educação (Física) com professores da rede municipal de ensino de Florianópolis/SC. In: Pires GL, Dorenski S (Org.). *Pesquisa em Educação Física e Mídia: contribuições do LaboMídia/UFSC*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009; 226-246.
29. Sena DCS. As Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino da Educação Física Escolar. *Hipertextus* 2011; 6: 1-12.

**Tahara, AK; Darido, SC.**

30. Baracho AFO, Gripp FJ, Lima MR. Os exergames e a Educação Física escolar na cultura digital. Rev. Bras. Ciênc. Esporte 2012; 34(1): 111-126.